

## **CHAVE POÉTICA DECIFRATÓRIA: O PENSAR MÍTICO NA EXPLICAÇÃO DO DESCONHECIDO EM AS BALEIAS DE QUISSICO, DE MIA COUTO**

Erick Camilo da Silva Gouveia

Pós-graduando em Letras (UPE – *Campus* Garanhuns – PE, Brasil)

E-mail – [erickstillus@hotmail.com](mailto:erickstillus@hotmail.com)

*As baleias de Quissico*, conto pertencente ao livro *Vozes anoitecidas* (1986), de Mia Couto, versa sobre o desejo de retorno à terra natal e uma ávida busca por soluções para as dificuldades geradas pela guerra civil, que fazem a personagem principal – margeada por visões de mundo antagônicas –, através da necessidade de manter a esperança, levar o seu anseio por uma vida melhor às últimas consequências.

Bento João Mussavele, protagonista da história, é o que poderíamos chamar de personagem deslocada. Bento vive entre mundos e essa condição perpassa todo o enredo, o que se dá através da constante contraposição de concepções díspares acerca da realidade, pois, ao longo da narrativa, a personagem, de maneira descomedida – como se verá mais adiante – consulta os “sábios do bairro”, que representam na sociedade o pensamento ocidental e o moçambicano, numa busca de confirmação na crença de que, em Quissico, baleias deitam na praia para que as pessoas, como em um armazém, retirem mantimentos de dentro delas.

O conto inicia-se com a apresentação da personagem principal, destacando sua postura absorta, numa espécie de atitude de ponderação alinhada à postura dos anciãos, considerados sábios, segundo a tradição. Assim, recolhido em seu silêncio, o agir de Bento João Mussavele, contrabalançado à maneira dos anciãos, remete à tradição. Veja-se:

Só ficava sentado. Mais nada. Assim mesmo, sentadíssimo. O tempo não zangava com ele. Deixava-o. Bento João Mussavele.

Mas não dava pena. A gente passava e via que ele, lá dentro, não estava parado. Quando o inquiriam, respondia sempre igual:

– *Estou a frescar um bocadinho.* (COUTO, 1986, p. 63)

Tal silêncio não é a ausência das palavras, mas o engendrar destas. No excerto acima, vemos a alusão ao silêncio do ancião que, após a reflexão, irrompe-o com a *palavra* decidida, veja-se: Já devia estar muito fresco quando, um dia, decidiu levantar-se. – *Já vou-me embora* (COUTO, 1986, p. 63). Este lugar precípua, ocupado pela palavra nas culturas africanas, surge de uma necessidade da própria constituição destas culturas que, por serem ágrafas em sua grande maioria, têm na oralidade a principal ferramenta de transmissão de conhecimentos e da tradição, esta, veio primordial destas culturas. Assim, “ouvindo, os mais jovens recebem e retêm os códigos tribais e, atentos, desvendam os segredos e aprendem a ‘ler’ o silêncio, também importante em sua formação” (OLIVEIRA, 2000, p. 11). Neste trecho da narrativa, há uma mudança na perspectiva, pois não se trata de um ancião. No entanto, isso se dá pelo lugar de deslocamento – a que nos referimos – no qual se encontra a personagem Bento João Mussavele e que será explicitado ao longo de nossa análise.

A história segue e os amigos de Bento tentam contrariá-lo, pensam que Bento, após aquele tempo de reflexão, iria finalmente trabalhar e abrir uma *machamba*<sup>1</sup>. No entanto, “começaram os adeuses” (COUTO, 1986, p. 63) e os amigos, para desmotivá-lo, lhe dizem que a sua terra natal está cheia de bandidos. Mas o verdadeiro motivo da viagem Bento mantém em segredo, pois o retiro interior, para a personagem, havia sido um tempo de escolha. Assim, Bento sempre estará frente às escolhas, estas poderão fazê-lo percorrer ou o mundo do homem branco, ou o mundo que o aproxima de suas origens, num sentido oposto à lógica ocidental. Tal segredo confessa-o a seu tio, não antes de demonstrar o respeito pelos mortos de sua terra. Veja-se:

– Você sabe, tio, agora a fome é demais lá em Inhambane.  
As pessoas estão a morrer todos os dias.

E abanava a cabeça, parecia condoído. Mas não era sentimento: apenas respeito pelos mortos. (COUTO, 1986, p. 63/64)

Uma coisa é patente em Moçambique: o respeito aos mais velhos. Esse respeito decorre da veneração à palavra dos antepassados que se materializa através desse respeito aos mais velhos pela sabedoria que possuem (FONSECA; CURY, 2008). Assim, o

---

<sup>1</sup> Terreno de cultivo; roça.

sentimento que guardam pelos mortos não é de tristeza, porquanto, ao morrer, o indivíduo passa a fazer parte da tradição. Dessa maneira, os que ficam têm, nos espíritos, seus guias para a vida, já que, em Moçambique, o mundo dos mortos não está totalmente separado dos vivos, há uma transitoriedade entre o *aqui* e o *além* e essas lendas, crenças, ritos e mitos fazem parte do cotidiano desses povos, trata-se de uma vivência diária. Corroborando com nossa visão, Padilha atesta que a ancestralidade, como sítio de significância:

constitui a essência de uma visão que os teóricos das culturas africanas chamam de visão negra-africana do mundo. Tal força faz com que os vivos, os mortos, o natural e o sobrenatural, os elementos cósmicos e os sociais interajam, formando os elos de uma mesma e indissolúvel cadeia significativa. (apud FONSECA, 2006, p. 79)

Dessa maneira, as fronteiras do *natural* e do *sobrenatural* estão constantemente se confundindo em seus limites.

Feita a reverência, Bento revela o segredo ao tio:

– *Contaram-me uma coisa. Essa coisa vai mudar a minha vida. (...)*

[E continuou] – *Você sabe o que é uma baleia... sei lá como...*

– *Baleia?*

– *É isso mesmo.*

– *Mas a propósito de quem vem a baleia?*

– *Porque apareceu no Quissico. É verdade.* (COUTO, 1986, p. 64)

Mas o que teria esse aparecimento das baleias em Quissico? O tio não dá crédito à história de Bento. Como as pessoas saberiam o nome do animal se nunca o viram. Bento se empenha na justificativa. Diz que fora um jornalista que falou sobre a baleia. Nesse momento, a revelação do segredo se dá por completa:

Só sabemos que é um peixe grande, cujo esse peixe vem pousar na praia. Vem da parte da noite. Abre a boca e, chii, se você visse lá dentro... está cheio de coisas. Olha, parece armazém mas não desses de agora, armazém de antigamente. Cheio. Juro, é a sério. (COUTO, 1986, p. 64)

Percebemos, nesses dois últimos excertos do conto, em decorrência das necessidades geradas pela guerra, que a explicação para o evento surge para suprir o que Mielietinski chama de “demanda espiritual”, esta demanda aparece com a generalização de eventos que, até esta altura da história, não sabemos quais porque ainda não nos foram expostos. O que fica claro é o pensar mítico como força geradora de tal resposta. O espaço gerado pela falta de explicação, o pensar mítico o preenche através da resposta que gera. Para Benedito Nunes “será mais correto dizer que o mito relata um acontecimento genérico que não cessa de produzir-se: uma origem coletiva (...) e a repetição dessa origem” (2008, p. 67). No entanto, segundo Mielietinski:

A descrição de eventos míticos com a participação de seres sobrenaturais, que atuam em tempos bastante longínquos, responde propriamente não às perguntas [sobre a origem das coisas] mas a determinadas demandas espirituais, fornecendo para elas certa chave ‘poética’. (1987, p. 200)

Assim, mesmo o mito da baleia não se ligando, no contexto da história, à tradição, mesmo não sendo um acontecimento a-histórico – como se dá com o mito de maneira geral, não localizável no tempo – que trata de uma origem coletiva, vemos nessa crença a resposta a uma necessidade espiritual da personagem para um enfrentamento da realidade como ela se apresenta; se o *sobrenatural* faz parte desta realidade, logo a resposta dada pela personagem está circunscrita à lógica de pensamento da cultura da qual faz parte. No entanto, dizer que o “peixe” “vem da parte da noite” nos suscita variada leitura, sempre seguindo a ambiguidade sugerida pelo próprio texto, pois, na ambivalência de visões de mundo – não fugindo a ela – temos no *vir da parte da noite* como algo próprio do *além*; em contrapartida, outra leitura para *vir da parte da noite* sugeriria que se trata de algo transgressor, ilícito. Outro ponto, também abarcado por esta última citação, diz respeito ao desejo de restabelecimento de

tempos idos. Quando a personagem diz “parece armazém mas não desses de agora, armazém de antigamente” é o desejo de superação das adversidades que se impõe e que marcará os passos da personagem Bento até o clímax da narrativa, mesmo quando sua convicção parecer abalada. O que fica evidente, a partir deste ponto, é que o conto quando apresenta a visão de mundo do homem moçambicano em seguida ele a contrapõe à visão ocidental. Então, Bento fala em detalhes para o tio o que se passa quando as baleias chegam a Quissico, mas todo o ocorrido fora de ouvir dizer:

Depois, deu os detalhes: as pessoas chegavam perto e pediam. Cada qual, conforme. Cadaqualmente. Era só pedir. Assim mesmo sem requisição nem guia de marcha. O bicho abria a boca e saía amendoim, carne, azeite de oliveira. Bacalhau, também. (COUTO, 1986, p. 64)

Eis o mito propriamente dito. Mas o que é preciso dizer é não se tratar apenas de uma crença para Bento. Para ele é tão verdade (ou ele precisa que seja?) que mesmo ocorrências que não se apresentam de maneira evidente como *sobrenaturais*, ele as interpreta como sendo. É o caso do trecho seguinte, o qual se apresenta em contraposição ao anterior:

– *Você já viu? Um gajo ali com uma carrinha? Carrega as coisas, enche, traz aqui na cidade. Volta outra vez. Já viu dinheiro que sai?* (COUTO, 1986, p. 64)

“Gajo” é uma maneira de referir-se aos portugueses e pela passagem vemos tratar-se de um comerciante. O que nos chama atenção é não haver nada nessa passagem que remeta ao *sobrenatural* e ainda assim, certo de suas convicções, Bento associa a atividade do português ao caso da baleia num primeiro movimento de busca pela confirmação de sua crença. Assim, o deslocamento de Bento o deixa fora de ambos os mundos, pois, se por um lado ele não confirma o *sobrenatural*, por outro não dá credibilidade à lógica ocidental. Isso ocorre de tal sorte que a personagem segue vagando pelas brechas do sistema.

Para o tio aquilo não passava de uma brincadeira e explica como nasceu a história:

*– É a gente de lá que está com fome. Muita fome. Depois inventam esses aparecimentos, parecem chicuambo<sup>2</sup>. Mas são miragens... (COUTO, 1986, p. 65)*

O tio parece conhecer a tradição, no entanto, mostra-se afastado dela, a nosso ver, possível fruto do contado com a modernidade porque as identidades não são estanques. O contato com o ocidente modifica o autóctone. Em entrevista ao jornal O Globo, Mia Couto diz que “essa tradição está sendo reconstruída pela atualidade” (2012), o que pode levar a um afastamento ou imbricamento com costumes importados. Por não serem estanques, Boaventura de Souza Santos, ao corroborar com este argumento, nos diz que “identidades são, pois, identificações em curso” (1995, p. 119). Esta “identificação em curso” é o que marca a obra de Mia Couto.

Nada do que fora dito abalou a convicção de Bento, embora tenha servido para manter a tensão do enredo. Esta tensão é mantida pela carência espiritual da personagem frente à lógica ocidental que se mostra pela imposição de uma realidade outra, que se coloca como verdade absoluta. Não crendo em nada que contrariasse seu projeto, bandeira de esperança, ideia guia de sua jornada, Bento busca juntar dinheiro para viajar a cidade de Quissico. Neste ínterim, procura os comerciantes do bairro para que o ajudassem. Tia Justina e Marito desconfiam, exigindo provas. Veja-se:

Ele que fosse lá primeiro, a Quissico e arranjasse provas da existência da baleia. Que trouxesse alguns produtos, de preferência garrafas daquela água de Lisboa que, depois, eles o haviam de ajudar. (COUTO, 1986, p. 65)

Neste trecho entrevemos a presença da tradição, pois, mesmo que sejam reivindicadas provas desta, não se duvida da possibilidade de sua existência.

Não obtendo a ajuda financeira que precisava, Bento recorre aos “sábios do bairro” para confirmarem sua crença. Culturalmente indefinido, a personagem em sua ânsia por uma ratificação, busca em mundos opostos a palavra definitiva que irá dar credibilidade à crença nas baleias, passe para uma vida de abundância. Aqui também entrevemos a presença da tradição, que se materializa na consulta a palavra do sábio.

---

<sup>2</sup> Feitiço; ou os antepassados divinizados pela família, espíritos.

Assim, Bento se dispõe a procurar o senhor Almeida, branco, e o Agostinho, negro, consultando primeiro este antes daquele. O professor Agostinho prontamente lhe responde:

*– Em primeiro lugar, disse o professor Agostinho, a baleia não é o que à primeira vista parece. Engana muito a baleia.*  
(COUTO, 1986, p. 65)

Tal palavra destróçou as esperanças de Bento, a qual responde:

*– Já me disseram, sr. Agostinho. Mas eu acredito na baleia, tenho que acreditar.* (COUTO, 1986, p. 66)

Novamente se apresenta de maneira clara a “demanda espiritual” da personagem, lacuna que reivindica explicação. O professor Agostinho, contrariando o que poderíamos esperar pelo contexto do enredo, por ser negro, traz um discurso da ciência, ocidental, explicando a Bento que não se tratava da história dele e sim de que a baleia aparentava ser um peixe e não é, “*é um mamífero. Como eu e como você, somos mamíferos*” (COUTO, 1986, p. 66). Após essa afirmação, Bento indaga: – *Afinal? Somos como a baleia?* (COUTO, 1986, p. 66). A indagação de Bento nos suscita uma leitura comparativa à própria condição do homem enquanto produto da cultura. Dizer “somos como a baleia” – referindo-se a sua constituição enquanto mito – é afirmar que somos uma invenção de nós mesmos enquanto seres históricos, o que possibilita o surgimento da cultura, pois, ao mesmo tempo em que a cultura é fruto da vivência em sociedade, o homem é marcado por ela. Acerca desse processo, José Luiz dos Santos assevera:

Cultura é uma construção histórica, seja como concepção, seja como dimensão do processo social. Ou seja, a cultura não é algo natural, não é uma decorrência de leis físicas ou biológicas. Ao contrário, a cultura é um produto coletivo da vida humana.  
(1993, p. 45)

Com isso, entrevemos que a tessitura narrativa de Mia Couto com seu projeto literário de construção identitária de uma nação, visto que trabalha a diversidade cultural de Moçambique, busca mostrar a viabilidade de tal processo, pois a realização depende do desejo da coletividade, haja vista a cultura ser fruto dela.

Depois de consultar o professor Agostinho, que se mostra homem da ciência, aplicado na língua portuguesa usada para que Bento lhe entendesse – estando o professor “ávido naquela quase tradução” (COUTO, 1986, p. 66), nas palavras do narrador – evidencia-se a dificuldade em apreender a realidade moçambicana através de uma língua formada noutro lugar. Assim, Bento se dirige ao branco Almeida, para consultar-lhe, e no trajeto se depara com uma cena que não faz referência direta, mas alude ao período de segregação. Veja-se:

Nos passeios as crianças brincavam com os estames das flores das acácias. Olha para isto, todos misturados, filhos de brancos e de pretos. *Se fosse era no tempo de antigamente...* (COUTO, 1986, p. 66)

A voz da personagem, ao final da citação, remete a cena ao passado, mas de maneira irônica, pela impossibilidade de realização desta no *antigamente*. Ao chegar à casa de Almeida, Bento é vítima do mesmo preconceito que recordara, pois o “empregado doméstico”, ao perceber a cor da pele do visitante, negra, decide manter a porta fechada. No entanto, por já ser conhecido de Almeida, este lhe presta audiência. Sendo a conversa breve, Almeida lhe responde de maneira vaga acerca do caso da baleia, não confirmando nem negando a possibilidade do fato, dizendo que “o mundo andava maluco” (COUTO, 1986, p. 66).

Tal falta de posicionamento naquele discurso devolveu as esperanças a Bento, para ele “era quase uma confirmação” (COUTO, 1986, p. 66), fazendo-lhe crer mais veemente nas baleias, tanto que já tinha visões delas a estenderem-se na praia e ele a revistá-las uma a uma.

Com a posição de homem da ciência ocupada pelo negro, a de homem da tradição ocupada pelo branco, o texto opera uma inversão de valores, a nosso ver, com o intuito de realçá-los, evidenciando ambas as posições. O que marca ainda mais a posição de entre-lugar da personagem Bento, transitando ambos os lados culturais por ser resultado do imbricamento deles.



Bento João Mussavele segue seu destino à Quissico. Durante a viagem, o que ele vê é a guerra e a seca a assolar a terra. No entanto, fica deslumbrado com a visão da enseada que aparece ao longe num prenúncio do sonho que se realizará. Veja-se:

O fumo do machimbombo<sup>3</sup> em que viajava entrava para a cabina, os passageiros a reclamarem mas ele, Bento Mussavele, tinha os olhos bem longe, vigiando já a costa do Quissico. Quando chegou, tudo aquilo lhe parecia familiar. A enseada aguava-se pelas lagoas de Massava e Maiene. Era lindo aquele azul a dissolver-se nos olhos. Ao fundo, depois das lagoas, outra vez a terra, uma faixa castanha estacando a fúria do mar. A teimosia das ondas foi criando fendas naquela muralha, cingindo-a em ilhas altas, pareciam montanhas que emergiam do azul para respirar. *A baleia devia apresentar-se por ali, misturada com aquele cinza do céu ao morrer do dia.* (COUTO, 1986, p. 67) (Grifo nosso)

Sempre postas em paralelo, a realidade dicotômica torna-se híbrida na personagem de Bento, pois, se para os passageiros só há a realidade imediata, os olhos de Bento trespassam mundos. Já aqui, verificamos no grifo da passagem transcrita acima uma metáfora recorrente na obra de Mia Couto, a do crepúsculo como interseção do *natural* com o *sobrenatural*. “Aquele cinza do céu ao morrer do dia” faz às vezes de ligação com esse *sobrenatural*, ou, noutra leitura, ligação com o mundo dos *sonhos*, o que, dependendo da ótica de observação, têm-se como mundos contíguos, numa visão moçambicana. Para sustentar nossa afirmação, segundo Maria Eustáquia de Oliveira:

Deve-se considerar (...) a importância dos sonhos para os africanos, considerados mensagens enviadas pelos antepassados, no seu desejo de continuar orientando a vida dos que ficaram no encaminhamento das questões do dia-a-dia. (2000, p. 12)

---

<sup>3</sup> Espécie de ônibus.

O sonhar é parte integrante dessa percepção de circularidade dos planos físico e espiritual.

Ao descer do machimbombo, Bento se depara com casas de praia abandonadas, resultado da guerra civil; casas que em outros tempos não serviam nem aos portugueses, apenas aos sul-africanos, ricos das minas de diamantes, suponhamos. Assim, Bento passa seus dias entre mobílias velhas e “fantasmas recentes”, rastros das vidas fugidas dos horrores da guerra, sem se dar conta do passar do tempo. Seus dias se restringiam ao descer à rebentação apenas “vigando as trevas. [E] chupando um velho cachimbo apagado, cismava: – *Há-de vir, eu sei, há-de vir*” (COUTO, 1986, p. 68). Neste meio tempo, a personagem recebera a visita de amigos que o encontraram “sonecando”, a quem despertaram de súbito. Bento explicita seu afeto à casa aos amigos:

Depois da baleia, havia de meter móveis, desses que se encostam nas paredes. Mas os planos maiores estavam nas alcatifas. Tudo o que fosse chão ou que com isso se parecesse seria alcatifado. Mesmo as imediações da casa, também, porque a areia é uma chatice, anda junto com os pés. Especial era um tapete que se estendia pelo areal, a ligar a casa ao lugar onde desaguaria a dita cuja. (COUTO, 1986, p. 68)

Assim, a crença na realização do mito da baleia, figura-se através do desejo de transfiguração da terra. Desse modo, o tapete como metáfora de transformação da terra, trabalha a busca da superação das memórias do período de guerra.

Como já foi dito, num movimento que se repete ao longo da narrativa, as visões de mundo ocidental e moçambicana seguem em contraposição. Os amigos de Bento dizem que estão chamando-o de reacionário e vão além insinuando que ele está envolvido com armas:

– *Armas?*

– *Sim - ajudou outro visitante. – Você sabe que a África do Sul os bandos. Recebem armas que vêm pelo caminho do mar. E por isso que estão falar muita coisa sobre de você.*

Ele ficou nervoso. Eh pá, já não guento sentar. Conforme quem recebe as armas não sei, repetia. Estou a espera da baleia, só mais nada. (COUTO, 1986, p. 68/69)

É essa realidade dúbia, de visões de mundo diversas, que abre a possibilidade de um maior número de interpretações. Após uma discussão, entre Bento e seus amigos, surge a indagação da possibilidade da baleia vir da parte dos socialistas e um dos presentes se refere a uma declaração do professor Agostinho, na qual ele afirma que “só falta ver porcos a voar” (COUTO, 1986, p. 69). Bento se indigna, pois as baleias nem apareceram e agora já surge uma história de “porcos”. Assim, o trágico da situação de Bento, já debilitado pelo alimento escasso, mistura-se ao cômico da confusão que a personagem realiza entre os porcos e as baleias. Apela, ainda, para o argumento de que as baleias são invenções dos imperialistas, ao que a personagem refuta: *mas quem deu olhos às pessoas que viram? Foram os imperialistas?* (COUTO, 1986, p. 69). Desse modo, os amigos foram-se, certos estavam de que Bento fora alvo de feitiçaria para que “se perdesse na areia daquela espera idiota” (COUTO, 1986, p. 69).

O paludismo<sup>4</sup> parecia atacar Bento quando, certa noite, ele acordou com febre alta. Mesmo com a forte tempestade, a personagem insiste num sinal:

Mas havia um sinal no vento, uma adivinha no escuro que o obrigava a sair. Seria promessa, seria desgraça? Chegou-se à porta. A areia perdera o seu lugar, parecia um chicote enraivecido. De súbito, por baixo dos remoinhos de areia, ele viu o tapete, o tal tapete que ele estendera no seu sonho. Se isso fosse verdade, se ali estivesse o tapete, então a baleia tinha chegado. Ela veio, ela veio. A voz estalava dentro de sua cabeça. Estava já a entrar na água, sentia-a fria, a queimar os nervos tensos. Havia mais adiante uma mancha escura, que ia e que vinha (...). Só podia ser ela, assim fugidia. (COUTO, 1986, p. 69/70)

---

<sup>4</sup> Malária; febres.

Esse é o clímax do conto, ponto a partir do qual se fundem sonho e delírio, metáfora final da hibridização cultural realizada na personagem Bento João Mussavele. No entanto, nesta passagem, juntamente com a alusão às armas, aos socialistas e aos imperialistas – todos vindos pelo caminho do mar –, fica clara a contraparte da visão da baleia, a comparação a um submarino é inevitável. Destarte, Bento segue seu delírio-sonho convicto de suas aspirações. Seguindo mar adentro, à personagem surgia-lhe uma voz interior “não há nenhuma baleia, estas águas vão-te sepultar, castigar-te do sonho que acalentaste” (COUTO, 1986, p. 70). Mas bento não acreditava que morreria assim, de graça, pois já ouvia a respiração do animal e seguia: *qual invenção, qual o quê? Eu não disse que era preciso ter fé, mais fé do que dúvida?* (COUTO, 1986, p. 71). Tal indagação corrobora para a afirmação do ser de trânsito constituído por Bento, uma personagem que busca remeter ao caráter indeterminado das identidades dos tempos pós-guerra de libertação.

Até seu fim, o conto marca a ambiguidade – coluna dorsal de sua estrutura –, pois, assim que Bento “foi seguindo mar adiante, sonho adiante” (COUTO, 1986, p. 71), o narrador se refere a boatos acerca de um “inimigo”, o qual recebera o armamento, tendo este sido transportado por submarinos, que, com o passar “de boca em boca, tinham se convertido nas baleias de Quissico” (COUTO, 1986, p. 71). Assim, o pensar mítico gerou uma *chave poética* em resposta a uma “demanda espiritual”, segundo Mielietinski (1987), não como resposta a um “quem”, mas a um “que”, pois o que entrevemos, através do mito das baleias de Quissico, é se tratar da generalização de uma ocorrência, as investidas clandestinas de submarinos estrangeiros no litoral da cidade. Frente a isso, constatamos também que tal mito não se liga à tradição, ao menos no contexto do enredo, o que nos leva a concordarmos quando FONSECA e CURY afirmam que “a ausência de identidades fixas e acabadas é a condição de todos nós, num mundo que pulverizou os lugares de pertença, os significados e o valor das origens, as ligações com um passado coletivo comum” (2008, p. 86).

## BIBLIOGRAFIA

COUTO, Mia. **Vozes anoitecidas**. Moçambique: OMNI, 1986.

Festa Literária Internacional de Parati: recortes 2007. Disponível em: <<http://flip2007.wordpress.com/2007/06/>>. Acesso em 18/09/2012.

FONSECA, Maria Nazareth Soares (org.). **Brasil afro-brasileiro**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FONSECA, Maria Nazareth Soares; CURY, Maria Zilda Ferreira. **Mia Couto: espaços ficcionais**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

MIELIETINSKI, E. M. **A poética do mito**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa**. São Paulo: Ática, 2008.

OLIVEIRA, Maria Eustáquia de. **O lugar da oralidade nas narrativas de Mia Couto**. Belo Horizonte: dissertação de mestrado, Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2000.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. 4ª ed. Porto: Afrontamento, 1995.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.